

CONSTRUINDO SABERES PARA A COMPREENSÃO HUMANA: AS AULAS LABORATÓRIO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ELIZABETH JATOBÁ BEZERRA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal/RN - Brasil
bethjatoba@uol.com.br

O objetivo dessas aulas no contexto da nossa investigação foi proporcionar aos alunos diferentes vivências que fizessem emergir os saberes da solidariedade humana, visando observar e registrar esse processo. As aulas se embasaram nos saberes do pensamento complexo para a compreensão humana apresentados por Mariotti (2000): o olhar, o esperar, o dialogar, o amar e o abraçar, e que poderá criar as condições, para a estruturação do aprender a ser, conviver, conhecer e fazer solidário. Estes utilizados por nós para a construção do saber solidarizar-se, parte da tese defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, *Educar para a Solidariedade: uma Perspectiva para a Educação Física Escolar*.

A aula laboratório foi uma denominação que demos as situações de aprendizagem que desejávamos observar nas aulas de Educação Física planejadas com a finalidade específica de viabilizar vivências solidárias no contexto real do cotidiano escolar. O termo laboratório não atendia ao sentido dessas experiências, uma vez que o mesmo significa, de uma maneira geral, uma situação artificial, não cotidiana, visando efetivar um determinado experimento. Mas, por falta de um termo mais adequado, ficou assim denominado.

Tomamos como referências os saberes do ser e do conviver solidários estruturados a partir das aprendizagens das Inteligências Pessoais, segundo Gardner (1994) e que nós denominamos saberes da corporeidade. A primeira voltada para “o senso do eu”, a capacidade do ser se auto-construir pelo autoconhecimento e o autocrescimento, dos quais depende a possibilidade de enfrentar o ambiente pessoal, o acesso a nossa vida sentimental. A segunda se volta para a saída do “eu” para o encontro do “tu” na síntese do “nós.” É a abertura para o mundo da socialidade, da empatia, do fazer juntos, do dividir, do compartilhar.

É o saber que se volta para o externo, para o outro, sendo sua capacidade central a de observar e fazer distinções entre outros seres. Potencializa-se na interação social, na convivialidade humana que requer nesse convívio o ser pessoa com todas as suas características e potencialidades, sendo, portanto, intimamente relacionados, circunscrevendo-se os dois saberes, o ser e o conviver na sua síntese que se manifesta no fazer. Exige assim, conhecimento pessoal e interpessoal no conviver.

Portanto, essa variedade de saberes voltados para a esfera interior (a emocional-afetiva, em parte olhando para fora, a dimensão da socialidade, das relações interpessoais) precisa olhares sensíveis para a construção de saberes que correspondam à necessária reforma do pensamento, saindo de uma perspectiva linear para uma complexa que contribua para a formação do ser transcendente.

Saberes Para a Compreensão Humana

O **saber ver** indica uma primeira abertura em direção ao outro. Para Mariotti (2000) é saber ver os nossos semelhantes, ressaltando, porém, que a unidimensão do olhar pela cultura dominante se constitui um dos fenômenos mais alienantes do nosso cotidiano. É a produção imagética padronizada fornecendo um mínimo de palavras escritas, o que conduz a uma diminuição do contato com a razão, resultando a restrição das pessoas ao imaginário. Portanto, é uma das formas de dificultar a formação de consensos derivados da experiência e perpetuar a unidimensionalidade.

Como saída para um ver pleno, o autor aponta a necessidade da palavra, das imagens, dos sons e das sensações táteis e olfativas caminharem juntas como meio de percepção e integração de nossa experiência no mundo, representando a proposta do pensamento

complexo que é a retomada da plurisensorialidade, uma das formas de ver e entender o mundo. Assim se expressa Mariotti (2000, p. 299): “[...] saber ver é saber ver o outro, único ponto de partida realmente humano para começar a enxergar o mundo.” E nós acrescentamos: e a nós mesmos.

Realmente, tudo começa pelo olhar de acordo com a emocionalidade que o expressa, aflorando sentimentos variados de aceitação ou rejeição, alegria ou tristeza, adesão ou indiferença. É a sua leitura prescritiva desvelando as aparências que pode sedimentar uma sensibilidade amorosa para sair do seu eu interior e abrir-se ao mundo dos outros. Isso exige um olhar profundo para além da intenção virtualizante das imagens, entrando nas raízes da sensibilidade solidária: do sair de si para o ver a outrem. E essa experiência é corporalizada, processando saberes do campo corporal-cinestésico nessa vivência de vida e, paralelamente, ampliando os saberes pessoais que edificam o “seu eu” individual, abrindo-se para as dinâmicas das relações interpessoais. São esses saberes, portanto, que dão suporte à construção das inteligências “pessoais” e “corporal-cinestésica” para um viver sabiamente de um ser plenamente realizado.

Portanto, ver é enxergar os outros com suas singularidades, vendo suas semelhanças e diferenças, é vencer a sensação desse vazio, a barreira de um muro invisível entre uma pessoa e outra, o eu e o mundo. É fazer uma viagem introspectiva ao seu eu interior e retornar daí com a sabedoria que o autoconhecimento traz para o conviver mais harmônico.

O **saber esperar** nas atuais condições existenciais é um dos atributos humanos que mais recorre a outras capacidades do ser para vencer a angústia e o atropelo dessa condição, instaurando-se a temporalidade como essencial condição humana, especialmente na nossa cultura que privilegiou a dimensão quantitativa do tempo, herança da sua concepção linear.

E essa linearidade, para Mariotti (2000, p. 301), traz pressões, cobranças e advertências, instalando em nós o pavor a este marco, o tempo, que não volta, levando-nos à desvalorização do cotidiano, dificultando muito a prática da tolerância, da serenidade e da compaixão. Também nos estimulou a competitividade: o mais, o melhor, o menor tempo, trazendo status, lucro, posição, conduzindo-nos ao que o autor nomeou de “desaprendizado da espera.” O significado do tempo também não se esgota aí, no sentido quantitativo e objetivo, mas por critérios qualitativos, que é caracterizado, segundo Bacal (1988, p. 13), “[...] pela intensidade de cada momento, pela densidade das emoções, pela gradação da afetividade de que esta carregada [...]”, importando a qualidade dos instantes vividos.

Compreendemos que mesmo que algumas esferas da nossa vida exijam um tempo linear, é necessário que encontremos o tempo circular como nas dinâmicas dos ciclos dos sistemas da Natureza: o dia, a noite, o sol, a lua, as estações do ano, as marés, a chuva, que nos ensinam que saber viver é saber esperar. Esse tão bem expresso pelo senso comum: quem espera sempre alcança.

Para Mariotti (2000, p. 303), o saber esperar traz à tona características essencialmente femininas, como um ser lunar que aguarda grandes ciclos no seu universo orgânico, e esse saber esperar é uma “biologia da espera.” É essa sabedoria do viver que nos capacita naturalmente para a sabedoria do conviver.

Para nós, dentre outras categorias do solidarizar-se, o esperar é uma que exige outras capacidades básicas da “corporeidade sábia.” Pode ser compreendida como a capacidade de se aquietar, de dar o tempo necessário para o reequilíbrio de uma situação ou a maturação de uma idéia ou ação em gestação. É não atropelar o processo criativo gestacional da vida que a Natureza nos mostra, como por exemplo, o desabrochar de uma flor, o casulo de uma lagarta que virará borboleta, o eclodir do ovo que aos poucos vai se tornando um pintinho e tantos outros exemplos que a Natureza nos mostra. É não deixar que essa espera seja um vazio, ao contrário, seja espaço de edificação deste, seja realmente um espaço de construção para o devir. E toda e qualquer espera é corporalizada. É a corporeidade que com a sua energética propulsora saberá ir graduando as inquietações do ser nesse esperar; ora aquietando o ser em uma emocionalidade de relaxamento, ora a “corporeidade sábia” do esperar, resguardando-se

para logo em seguida abrir-se para o mover-se com outra intensidade energética, como fluxo de vida em direção ao convívio humano.

O **saber dialogar** talvez tenha sido uma das capacidades humanas que mais tenha se perdido na sociedade atual. Apesar da comunicação ter se intensificado com as novas tecnologias virtuais predominando, o homem tem se afastado do diálogo oral ou escrito, afastando as possibilidades do convívio humano, negando as chances do frente a frente, do olhar no olhar, do dialogar, do tocar, enfim, restringindo as interações sensoriais que se plenificam na corporeidade cultivada.

Nossa dificuldade de conversar decorre, segundo Mariotti (2000), do tipo de alteridade que estamos culturalmente determinados, gerando cautela e desconfiança, não nos deixando à vontade para conversar abertamente sobre nossas intenções. Sempre estamos avaliando o outro pelas suas ações e não por suas intenções, limitando nossas percepções dos acontecimentos, pois somos inclinados a reagir a comportamentos e não a interagir com intenções e condutas.

Reaprender a conversar significa segundo Mariotti (2000), aprender de novo a utilizar nossos espaços de criação, fazendo perguntas que produzam alterações no questionamento, propondo questões mobilizadoras, mantendo uma expectativa respeitosa diante da resposta. Por isso, Mariotti (2000, p. 308) assegura que, “[...] saber questionar conduz ao saber ouvir.” Portanto, saber conversar é o preparar-se para receber o retorno, é desencadear um processo de co-educação, pois saber conversar é saber construir um universo cultural.

E é a linguagem, para Maturana (1998, p. 115), que promove modificações estruturais nos nossos comportamentos, sendo as interações, os encontros que geram as mudanças nos sistemas vivos e “[...] o que está envolvido no aprender é a transformação de nossa corporalidade, que segue um curso ou outro dependendo de nosso modo de viver.”

Portanto, o saber conversar sábio vai depender das possibilidades de aprendizagem que os campos educacionais (escola, lazer, comunidade e família) propiciem em encontros criativos de trocas, diálogos corporalizados, pois essa (a corporeidade) é a nossa condição existencial.

O **saber amar** talvez um dos sentimentos mais sublime e ao mesmo tempo mais desvirtuado da sua verdadeira essência, seja “o amar aos outros como a si mesmo.” As contingências do modelo societal que vivemos, dando ênfase as relações materiais, obstaculizam a introspecção e a socialidade que são a construção do conhecer a si para aprender a convivialidade com o outro, o campo, portanto, das emoções.

São as emoções que constituem as condutas que resultam em interações recorrentes, segundo Maturana (1998). Se essa emoção não se dá, não há interações recorrentes, mas somente encontros casuais e separações. Para esse autor, duas emoções tornam a recorrência possível: a rejeição e o amor. A rejeição constitui o espaço de condutas que negam o outro como legítimo outro na convivência; o amor constitui o espaço de condutas que aceitam o outro como um legítimo outro na convivência. No entanto, não são opostos, porque a ausência de um não leva ao outro, sendo seus opostos a indiferença. E a indiferença é o sentimento que destrói todas as possibilidades de edificação humana.

O amor para Maturana (2001) é eminentemente biológico, um fenômeno da natureza, pois já nascemos com a capacidade de amar, sendo as relações culturais vividas que nos leva ao desamor. A vida amorosa é, portanto, a forma de exercermos essa emoção, o que o autor denomina de biologia do amor. Viver a biologia do amor, para Mariotti (2000), é viver inteligentemente, fazendo dessa inteligência brotar o amor, estendendo a mão, preparando-se para o abraçar.

E o amar, na sua energética vivencial, é a síntese do fato de cada “eu” estar inserido no “nós”, que é a corporeidade transcendente, do vencer o individual na construção da convivialidade humana, no fluxo e refluxo da vida, construindo e dando sentido ao processo civilizatório da humanização do homem.

O saber abraçar é uma consequência do saber amar, que envolve todos os outros saberes solidários, porque quem ama é capaz de ver, diferenciar o outro passando a enxergá-lo, não sendo indiferente ao seu existir. Quem ama aprende mais que falar, abrindo-se ao diálogo como fonte de dar e receber, construindo juntos novas sínteses de conhecimento para dar sentido e vida ao seu amor e ao seu amar. E quem ama cria e conserva a vida, dando-se ao outro, vivendo sabiamente, estendendo a mão, preparando-se para o abraço que é a grande síntese do tornar-se solidário.

Para abraçar, segundo Mariotti (2000), primeiro é preciso ver a si mesmo para não projetar nele o que vejo em mim, ou seja, trabalhar o meu ego, ultrapassando um modo de viver não apenas mecânico. Trata-se, portanto, de uma dimensão participante, redimensionando nossas possibilidades e limitações pelo autoconhecimento e autocrescimento, construindo uma totalidade. E é essa compreensão e sentimento de inteireza que faz o ser poder e precisar partilhar com o outro, isto é, com o mundo, essa comunhão.

Nesse contexto, a corporeidade passa a ser vivida como uma intercorporeidade, que para Mariotti (2000, p. 316) significa nos darmos conta que “[...] o corpo é o lugar onde se fundem o morador e a morada, a teoria e a prática, o abstrato e o concreto. Da intercorporeidade emerge a espiritualidade, que é a atitude de respeito pelo mundo, começando pela relação com o outro.”

Abraçar exige, portanto, uma primeira viagem ao eu interior, viajando nas asas da transcendência, entendida como superação das amarras do ego em direção à construção dos outros “eus” que se fazem presente nos outros, na acolhida da aceitação desse outro, tornando-nos então um ser neste mundo. Estendendo a mão com sabedoria, que é o início do abraço e o desencadear do longo e sábio caminho da solidariedade.

Com esse caminho, entre outros possíveis, que envolve uma preocupação e um compromisso com a construção de saberes solidários na Educação Física, surge como resultante uma corporeidade que vai se humanizando na busca de uma corporeidade plena. Com base nessa compreensão construímos o corpus teórico que subsidiou o processo reflexivo ação-reflexão-ação, pois essa pressupõe mudanças através da colaboração e do controle reflexivo que acontece no contexto real em que a prática é constantemente atualizada, segundo Desgagné (1998), através do diálogo.

As Aulas-laboratório

As aulas-laboratório foram planejadas após o seminário de estudo temático que as antecedeu. Primeiramente, partiríamos das experiências anteriores dos alunos, articulando as que julgávamos mais adequadas aos propósitos de cada aula. Sua estruturação seguia a dinâmica que cotidianamente acontecia no fazer das professoras: iniciar com um alongamento; seguido das atividades selecionadas pela especificidade do tema, procurando sempre o trabalho em duplas ou grupos maiores, o que favorecessem a interação grupal, concluindo com uma reflexão avaliativa que, normalmente, permeava suas práticas a partir de questões mobilizadoras previamente escolhidas e outras que oportunamente surgissem. A música estaria presente em todos os momentos da aula, pois essa motivação já virou hábito entre os alunos.

Concluído o estudo da temática, passávamos ao processo criativo, compartilhando idéias e sentimentos na busca de um arranjo que melhor sintetizasse a emergência daquele saber. Assim, nesse processo colaborativo, nasceram as aulas-laboratório, transcorrendo na mesma quadra do colégio, com duração de 50 minutos e nos mesmos dias previstos para a Educação Física escolar, terças e sextas-feiras pela manhã.

O primeiro laboratório foi planejado tendo como tema o saber olhar. Seu objetivo foi possibilitar a percepção do outro através da exploração do olhar, visando descobrir características do outro em diferentes perspectivas: o ver, o toque, as qualidades pessoais. Concluíram com a avaliação refletindo sobre o que viram no amigo e se é bom ter amigos.

Esse ato de ver além das aparências imediatas contribui para a descoberta de valores do outro e a solidificação de amizades como o aluno (3B2)¹ afirmou quando respondeu sobre o que aprendeu na Educação Física: “conhecer mais o amigo”.

O segundo explorou como tema o saber esperar. Objetivou vivenciar situações que enfatizassem o saber esperar, reconhecendo e respeitando seu tempo e o do outro, contribuindo para a construção da tolerância e da paciência no cotidiano. Concluímos essa aula com a avaliação reflexiva sobre o saber esperar no jogo e na vida cotidiana. Assim, a corporeidade da espera foi se revelando em diferentes situações vividas no cotidiano escolar: saber ouvir e esperar a vez (4B3); esperar o colega, sendo o segundo (4B2); saber que um tem que esperar o outro (2C3); esperar na fila (4B5); esperar e respeitar os outros (2B2); esperar, ter calma e se organizar para ter mais tempo para as brincadeiras (2B3), sintetizam esse aprendizado.

A terceira aula laboratório tematizou o saber dialogar ouvindo e se comunicando. Seu objetivo propunha vivenciar situações que oportunizassem o dialogar corporalizado a partir da criação de brincadeiras que evidenciem o ouvir, o criar com o outro e o expressar-se, visando melhorar a capacidade de comunicar-se. Fechamos essa aula suscitando a reflexão sobre o ato de criar em grupo, como forma de avaliar o tema. Esse aspecto se revelou através da corporeidade dos alunos quando visualizamos o diálogo mediando o processo criativo da aprendizagem de novas habilidades entre os elementos dos grupos, aparecendo também no que eles expressaram nas avaliações reflexivas, sintetizando esse saber apreendido, como por exemplo: saber pedir desculpas e conversar para entender (1B2); saber ouvir e não brigar (4B3); conversar direito (4B4); perdoar e desculpar o colega que brigou (4B4), entre outras manifestações. O diálogo é, portanto, encontro com o outro e compromisso com a humanização no sentido que Freire (1980) define, como esperança de mudança pela inconclusão dos homens que permanentemente estão se auto-construindo.

Na última aula-laboratório, compreendemos que o ato de amor se manifesta também no abraçar e dialeticamente se abraça a quem se ama. Assim, decidimos que essa última aula envolveria o tema amar e abraçar, também pelo clima de confraternização que já reinava com o encerramento do ano letivo e a proximidade dos festejos natalinos. Seu objetivo foi criar dinâmicas de encontro consigo e com o outro a partir de atividades lúdicas que possibilitassem a expressão do amar, envolvendo o olhar, o esperar, o dialogar e abraçar. A última dinâmica desta aula dinâmica propôs ler e cantar a música Amor Imenso com Nando Cordel, abrindo para a avaliação reflexiva a partir do contexto da letra.

As imagens do vídeo retratam a entrega, o envolvimento dos alunos nas dinâmicas, trazendo o retorno do objetivo que foi proposto, complementando-se com as respostas dadas na reflexão final da aula ao serem motivados a pensar a partir da mensagem das músicas. Falas que exprimem sentimentos e atitudes vão conjuntamente construindo o saber solidarizar-se na Educação Física escolar e expressam essa aprendizagem. “Aprendi a educação, paz, amor tudo que tem que aprender na vida” (1B1); “Aprendi tudo, menos xingar, eu aprendi as coisas boas que ela ensinou” (1B3); “Ensinar a ser solidário, a professora Kátia, Cyara e também a minha nova professora Carla” (2B2); “Ensina a perdoar e desculpar o colega que brigou” (4B4); “Eu aprendi a ajudar as pessoas, a não ficar batendo nas outras e fazer solidariedade” (6B1); “É, eu aprendi a fazer a paz, o amor, o afeto, as atividades em grupo, em dupla também” (1C1); “Eu aprendi que a professora fica falando pra ter amor com as outras pessoas, partilhar” (2C3); “As professoras de Educação Física nos ensina a pedir desculpas a perdoar o colega, a dividir o material com o colega. E isso é ajudar, é compartilhar, é solidariedade.” (4C3). São essas e tantas outras falas que sintetizam esse saber ser, construído no cotidiano escolar

Portanto, como fenômeno natural, o “amar” para Maturana (2001) é biológico apresentando um potencial que evolui nas interações sociais. Mas como essência da alma

¹ Este código identifica cada aluno participante deste estudo. O primeiro número indica o grupo que ele se inseriu na sua turma, a letra indica a turma que ele pertence e o segundo número, a ordem que ele se encontra dentro do seu grupo.

humana precisa ser cuidado como saber espiritual que, segundo Boff (1999), dá rumo a nossa caminhada e alimenta de significações que encham de sentido a nossa vida. E por isso precisa ser tratado como saber do conhecimento escolarizado. Revelam na corporeidade dos alunos atitudes simples como ajudar o colega a levantar-se, a abotoar a roupa, ensinar a nova habilidade criada, auxiliar no alongamento, ceder o material, pedir desculpas, ouvir o outro, acariciar, abraçar, entre outras atitudes que na persistência como conteúdos transformam-se em hábitos que poderão dar um colorido mais harmonioso ao convívio humano.

CONCLUSÃO

Dois aspectos foram imprescindíveis tanto para a estruturação da vivência nas aulas-laboratório quanto para gestar o desejo de mudança: o estudo reflexivo, que fundamentou a prática e o planejamento colaborativo, que moveu escolhas e organizou o fazer mais consciente e intencional na direção da construção de saberes que compõem o solidarizar-se.

Essas aulas, como um ritual escolar que tem os professores como mediadores entre a cultura e a sua apreensão pelos alunos, possibilitou a estes refletirem sobre seus processos de interpretação, localizando suas compreensões sobre as temáticas focalizadas, propiciando o retorno para serem mais bem entendidas, podendo redimensionar a prática em função da necessidade de desenvolver a corporeidade dos alunos.

O encantamento desse fazer encontrou na musicalidade a riqueza que permeou todo o processo criativo, seja explorando a música como elemento lúdico e sensível, seja como elemento reflexivo a partir do conteúdo da letra. A música proporcionou, portanto, uma abertura das portas da sensibilidade, fazendo emergir o sentir que aflora sentimentos e refina emoções.

A opção pelo trabalho em grupo ou em duplas trouxe na sua essência a colaboração entre os alunos pela vivência de situações que envolveram a interação com o outro. Isso os levou a descoberta dos seus potenciais e limites, assim como dos outros, na criação e execução conjunta de tarefas propostas nas diferentes aulas-laboratórios.

Na aula específica que priorizou o “Saber Ver”, ao explorar o toque, o olhar e reconhecer as boas qualidades dos colegas, os alunos manifestaram esse conhecimento ao expressarem sua corporeidade em gestos e atitudes e suas impressões verbalizando sobre as descobertas perceptivas dos colegas, seja lembrando características físicas ou adereços, seja característica da personalidade. Esse ato de ver além das aparências imediatas contribuiu para a descoberta de valores do outro e a solidificação de amizades. Outra forma de ver se revelou quando em diversas oportunidades se discutia de forma crítica fatos do cotidiano escolar ou não, ampliando a visão dos alunos quanto a dimensão sócio-política dos fatos, o que os torna, aos poucos, alunos cidadãos mais críticos e conscientes.

A dimensão temporal do “Saber Esperar” trouxe contribuições para a construção da tolerância e da paciência demonstrada na corporeidade cultivada dos alunos através de vivências em jogos. Essas são condições essenciais para a estruturação de escolhas conscientes que envolve a percepção da forma de organização e a responsabilidade de cada um quanto ao uso desse tempo, que é diferenciado quanto ao ritmo da aprendizagem. Essa espera, como tempo de se aquietar, não é um tempo vazio, mas um espaço-tempo de edificação pra um devir, ao construir habilidades para o esperar no jogo e na vida que nasce dos acordos feitos e no cumprimento das regras estabelecidas nos jogos e brincadeiras. Dessa forma, vai se consolidando a corporeidade da espera que se transforma em sabedoria de vida.

Como consequência vai se instaurando a sabedoria da espera, condição essencial para a melhoria da serenidade na vida cotidiana e da compreensão do seu tempo e do outro, mesmo que na sociedade atual se exija aceleração e imediatismo. Esse contraponto possibilita, conseqüentemente, relações mais amistosas e compartilhadas que são amálgamas para uma cultura solidária na educação escolar e tem na Educação Física, pela corporeidade das suas práticas pedagógicas, espaço amplo para a construção de saberes da afetividade humana.

A vivência em situações que oportunizaram o dialogar corporalizado a partir de brincadeiras que evidenciaram o ouvir, o criar com o grupo e o se expressar ampliaram o “Saber Dialogar”, e conseqüentemente, a habilidade de comunicar-se. Essa trouxe implicações diretas nas soluções de conflitos, propiciando melhoria nas relações afetivas com o aumento dos vínculos de amizade ou de tolerância, pela compreensão das diferenças do outro.

A falta de outros espaços escolares de abertura ao diálogo e a cultura de punição dificultaram a solidificação desse saber na corporeidade dos alunos, acrescidos pela dificuldade de ouvir o outro, a timidez para se expressar, o individualismo, a passividade e a falta de iniciativa de alguns. Mas, o movimentar-se com mais liberdade que as dinâmicas pedagógicas dessa área permitem, fizeram com que os alunos potencializassem o diálogo através do uso de questões mobilizadoras que propiciaram a emergência da criação coletiva envolvida pela linguagem que humaniza. Isso suscitou novas relações grupais colaborativas, contribuindo para o solidarizar-se, na Educação Física escolar.

O “Saber Amar” como síntese dos demais saberes da complexidade humana é expressão maior de um sentimento superior do ser também responsável pela compreensão humana, podendo ser revelado como aprendizagem de humanidades solidárias na escola. Seu desenvolvimento ocorre pelo esforço de aprendizagem de sentimentos e vivências em cooperação e colaboração, resultando em um estado de amadurecimento psicológico pela evolução das emoções e partilha de sentimentos com o outro. Esse se faz lentamente, conquista a conquista, pelas experiências potencializadores desse saber e superação de conflitos existenciais de resistência à entrega.

Nessa experiência vivencial do amar é indispensável o auto-conhecimento que vai construindo o auto-crescimento como forma de exercitar o auto-amor, condição para a abertura ao outro, a partilha, a compaixão, o acolhimento, a amizade que exprime o amar ao outro. É o amor também, como expressão do abraçar que é adesão, entrega e cuidado, conseqüência natural da nossa capacidade de amar.

Nas vivências corporais propostas para a emergência dos saberes amar e abraçar predominaram as dinâmicas de encontro consigo e com o outro através de atividades lúdicas que possibilitaram a emergência de diferentes expressões do amar, do olhar, do esperar, do dialogar e do abraçar. Como potencial humano, a cultura pode e deve propiciar a emergência desses saberes, nos quais as relações amorosas vão se solidificando na convivialidade humana, podendo a escola ser campo vivo para a elaboração desses saberes. E a Educação Física como disciplina que cuida e cultiva mais especificamente da corporeidade humana, a dinâmica corporal sendo mais evidenciada, pode contribuir com a formação de valores e atitudes éticas e morais que guiam a educação solidária como amorosidade humana.

Referências

- BACAL, Sarah S. **Lazer: teoria e pesquisa**. São Paulo: Loyola, 1988.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- DESGAGNÉ, Serge. **Reflexões sobre o conceito de pesquisa colaborativa**. Tradução livre Adir Luiz Ferreira. Departamento de Psicopedagogia, de Didática e de Tecnologia Educativa. Université Laval, (Québec, Canadá), 1998.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Tradução Kátia de Melo e Silva. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Tradução Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- MARIOTTI, Humberto. **As paixões do Ego: Complexidade, política e solidariedade**. 2. ed. São Paulo: Palas Athena, 2000.
- MATURANA R., Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Organização e tradução Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

Endereço: Rua Professor Saturnino, nº 1079, Bairro N. Sra. Nazaré
Natal – Rio Grande do Norte – Brasil – CEP: 59062-310
Telefone: (84) 3231-0734; 8871-0734
E-mail: bethjatoba@uol.com.br